

# Aula 3

## A HISTORIOGRAFIA SERGIPANA SE AMPLIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

### **META**

No final desta aula o aluno deverá apreender sobre o passado de Sergipe nas primeiras décadas do século XX numa continuidade dos assuntos iniciados na disciplina Temas de História de Sergipe II. Terá condições de compreender o surgimento de instituições do saber que surgiram nessa fase, principalmente na capital sergipana. Também ampliará, sobretudo, seus conhecimentos sobre mais uma etapa da historiografia sergipana, destacando a produção das primeiras décadas do século XX.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Como fizemos nas lições 1 e 2, daremos continuidade a apresentação de um painel geral sobre a Historiografia Sergipana. Iremos novamente apreciar o texto “Introdução ao Estudo da Historiografia Sergipana” de José Calasans Brandão da Silva. Mas antes disto, compreenderemos aspectos da História de Sergipe das primeiras décadas do século XX, continuando a discussão iniciada em Temas de História de Sergipe II. A intenção é apresentar uma visão ampla das instituições de difusões da ciência a população sergipana, principalmente em Aracaju.

**Antônio Lindvaldo Sousa**

### INTRODUÇÃO

Novos textos sobre História de Sergipe são produzidos por pesquisadores da área de direito, herdeiros dos ensinamentos do sergipano Tobias Barreto, a chamada geração de bacharéis. São conhecidos como “tobiáticos”. Produziram sobre o passado sergipano promovendo continuidade aos trabalhos iniciados por Felisbello Freire.

A vida intelectual sergipana no período imperial não alcançou o desenvolvimento atingindo por outros centros do país. Os poucos esforços ficaram nas mãos de dirigentes ligados a Igreja Católica e alguns poucos intelectuais mais próximos as lutas político-partidárias que marcaram o oitocentos. Durante boa parte do século XIX o único meio de instrução foi o ensino elementar. Os únicos espaços institucionais voltados somente para fomentar o hábito de leitura foram: Biblioteca Pública (1855), o Gabinete Literário Sergipano (1860), O Clube Literário de Itabaiana (1875), O Clube Literário Estanciano (1884) e o Gabinete Literário Laranjeirense (1886). No finalzinho do regime monárquico surgem em Laranjeiras agremiações que queriam difundir a ciência entre a população como: o Clube Democrático (1887) e o Clube Republicano (1888).

Com a república esse quadro foi alterado. Novas mudanças foram sentidas principalmente na capital nas primeiras décadas do século XX. Referimo-nos a essas mudanças quando estudamos o discurso modernizador nas seguintes lições do nosso livro Temas de História de Sergipe II: 1) no capítulo 6 denominado “Ave Branca que voa dos pântanos para o azul...”: as elites e projeto modernizador de Aracaju nas décadas de 1910 a 1930” e 2) no 7. “Um misto de acanhamento e audácia...”; Reflexões em torno da identidade sergipana (1910-1930)”.

Referimos nestes capítulos 6 e 7 que no início da década de 1910 muitas famílias ricas passaram a se estabelecer na capital sergipana e compartilharam com os existentes projetos de interferência na organização da sociedade e/ou espaço físico da cidade. Uma elite passou a construir um projeto modernizador para a capital sergipana. Nos anos de 1910 a 1920 outro ritmo de vida começava a surgir em Aracaju, “embalado” pelas características das sociedades industrialmente desenvolvidas. A capital do Brasil, Rio de Janeiro, foi uma das cidades que influenciou a capital sergipana.



Foto da Praça Fausto Cardoso/ delegacia fiscal, Aracaju (por volta de 1910). Fonte (GERODETTI e CORTEJO, 2004, p. 154).

Recife, Salvador, Ouro Preto, Porto Alegre, entre outras cidades brasileiras tiveram sua contribuição na “nova” Aracaju que emergia nessa fase. Todas essas possuíam Ensino Superior e neste “lugar” institucional, muitos sergipanos absolveram de novas ideias.

## NOVOS “LUGARES” DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Todas as iniciativas de implantar um curso superior em Sergipe foram infrutíferas no limiar dos primeiros anos da República. Todavia, em 1913, apareceu o Seminário Episcopal do Sagrado Coração e Jesus, fundado por D. José Thomaz, primeiro bispo de Sergipe da Diocese de Aracaju fundada em 1910. Essa instituição somente formava jovens para o sacerdócio. Em 1925, imbuído de um discurso modernizador para Sergipe, Mauricio Gracho Cardoso (1922 a 1926) criou os primeiros cursos de ensino secular: A Faculdade de Farmácia e Odontologia Anibal Freire e a Faculdade de Direito Tobias Barreto. Dificuldades relacionadas a falta de apoio do governo Federal, essas iniciativas não deram certas.

Não tendo nível superior em Sergipe, a nova juventude foi estudar nas Faculdades de Direito, medicina e engenharia fora de Sergipe. A migração para cursa Direito em Recife e Medicina em Salvador já vinha acontecendo desde o final do século XIX. Essas faculdades e de outras regiões (Direito em São Paulo e Rio de Janeiro, engenharia em Ouro Preto, etc) tornam-se

“espaços” institucionais com quais as novas gerações entraram em contato com as ideias de ciências que existiam no Brasil.

O início do século XX ainda circulava com bastante força o movimento cientificista possuindo duas características básicas: Uma que o universo social é regido pelas mesmas leis que rege o universo natural. Outra é a crença que a ciência deveria intervir nos direitos da humanidade, solucionando seus problemas e indicando um melhor caminho para o progresso e para a civilização.

Isto modificou a maneira de conceber a organização social. Os intelectuais passaram a substituir o pensamento abstrato pela razão, pelo observável e acreditava no princípio das ideias democráticas liberais, do progresso contínuo a evolução social.

Conforme os princípios positivistas, a ciência e a indústria assegurariam o progresso, enquanto que a moral e a educação manteriam a ordem. “Ordem e Progresso”, máximas burguesas, concebidas numa realidade europeia a partir de um capitalismo maduro, foram adaptados para sua execução em realidades regionais distintas. (PESAVENTO, 1992. P. 17)

O termo “progresso” se confunde com o termo “civilização”. Chegava ao Brasil um discurso secular e temporal onde se acreditava que apenas os povos europeus haviam atingido o estágio de civilização e os outros povos poderiam seguir tal destino. O nosso país para chegar a esse estágio do processo civilizatório deveria superar seu atraso cultural.

Parte desse atraso defendido e conquistado pela elite do final do século XIX. Essa elite levantou bandeira buscando a abolição da escravatura, a implementação da República, a localização do Estado. Em seguida, outras bandeiras foram levantadas como: a adoção de programas de higienização, saneamento e urbanização, campanhas contra o analfabetismo e a criação de escolas pública.

Esse discurso passou a imperar nas instituições de Ensino Superior, principalmente nas Faculdades de Direito e de Medicina. E esse mesmo discurso passou a fazer parte de outros lugares institucionais que a nova juventude foi fundando, como o IGHSE, que veremos mais adiante.

Em Aracaju a intelectualidade escrevia na imprensa local artigos sobre urbanismo, problemas estruturais da capital e referências ocorridas na Alemanha, França, Rio de Janeiro e outros lugares. Também se dedicaram a escrever textos voltados para pensar sobre a identidade sergipana, dedicando-se a elaborar estudos sobre a História e geografia de Sergipe. Imbuídos do princípio de que a razão deve ser estendida a todos os campos da experiência humana – servir como guia a sociedade – compartilharam a ideia de que era preciso arregaçar as mangas na construção de um mundo mais civilizado. (BARBOSA,1992; SOUSA, 1993)

A nova juventude queria formar um novo homem. A razão deveria iluminar o mundo dos considerados homens rude. Esse ideário fez parte de um projeto modernizador que previa várias mudanças no cenário da

capital sergipana e em outras cidades de médio porte de Sergipe.

Para tal intuito resolveram criar entidades como: Clube Esperanto (1907), Centro Operário Sergipano (1910), Sociedade Médica de Sergipe (1910), Instituto Histórico e Geográfico Sergipano (1912), Centro Literário Educativo (1914), Liga Sergipense contra analfabetismo (1916), Centro Pedagógico sergipano (1918), Centro Cívico Amintas Jorge (1918), Grêmio Tomás Cruz (1918), Academia Literária Santo Thomaz de Aquino (1919), Sociedade de Medicina e Cirurgia de Aracaju (1919), entre outras que foram fundadas nas décadas de 1910 em diante. Muitas dessas entidades têm vida breve e outras atestam a situação de dinâmica e uma nova juventude que vivenciava um período de uma relativa efervescência cultural a partir das ideias que citamos acima.

O IHGSE é a instituição mais importante desse período em termos de ser um lugar institucional, onde muitos dos intelectuais participaram de eventos considerados científicos e “patrióticos” e publicaram em seu periódico ou lançaram livros em sintonia com o que essa instituição fomentava nas primeiras décadas do século XX. Luiz José da Costa Filho, Adolfo Ávila Lima, Emygdio Caldas, Manuel Caldas Barreto Neto e Joaquim do Prado Sampaio Leite foram uns dos membros desse lugar de cultura que mais promoveram a divulgação das ideias científicas com mais intensidade. Usaram os métodos naturais para interpretar a realidade sergipana. Entendiam o mundo social suscetível às mesmas leis que regiam o mundo físico. Outros empregaram um cientificismo difuso no sentido de que a ciência iria transformar a realidade e proporcionar novos estágios de civilização. No campo da História voltou-se para a coleta das fontes, a construção de biografias, a ereção de bustos e estátuas, a imposição de retratos e a reprodução da memória. (SOUZA, 2001. p. 102 e 103) Reservamos um texto de destaque sobre o IHSE no final desta nossa lição.



foto da Biblioteca Pública –hoje é câmara municipal de Aracaju.(BARBOSA, 1992.

Uma instituição que também vai ter um papel importante como “lugar” de ciência, espaço de germinação da civilização para Sergipe foi a Biblioteca Pública. Ela não foi criada nessa fase inicial da República. Foi inaugurada em 1851. Todavia, em 1908, passou pelo processo de revigoramento confiada a Epifânio Dória da Fonseca. Com ele essa instituição aumentou o volume de livros, adotou sistema de permutas com outras instituições. Duas décadas depois, ela recebeu uma variedade de publicações de outras entidades brasileiras e estrangeiras, vários particulares doaram o seu acervo para a mesma e se fez mais aquisição de livros.

O Gabinete Literário de Tobias Barreto e o Gabinete Literário de Aracaju também teve papel importante entre as instituições que incentivavam a prática da leitura, assegurando a entrada da civilização, como acreditam a geração de intelectuais dessa fase.

### **NOVAS TECNOLOGIAS E EMPRESAS (LIVRARIAS E EDITORAS) A FAVOR DA PRODUÇÃO DO SABER**

Houve mudanças na concepção da imprensa em Sergipe provocando alterações na forma de produção dos periódicos e no mercado editorial. Segundo Souza, as tipografias introduziram equipamentos que permitem rapidez e redução de trabalho ao mínimo esforço, aposentando os processos rudimentares de composição e impressão. Os prelos Alauzet e Stanhope, máquinas de “retirção” (sic) manual, revela Souza, foram substituídas por rotativas Marinoni que imprimem, cortam e dobram os exemplares, escrevendo a imprensa na era moderna. (SOUZA, 2001, p. 43)

A Gazeta de Sergipe efetuou a primeira substituição. Ainda segundo Souza, novos veículos adoraram um acabamento mais amparado, ilustrações, fotografias, vinhetas e caricaturas, os recursos mais sofisticados e que serviram em muito ao serviço de circulação das novas ideias e a divulgação das novas mudanças empreendidas na capital sergipana. Nos jornais os diversos grupos passaram a apresentar múltiplas feições: políticas, econômicas, noticiosa, recreativa, humorística e religiosa. Os jornais passaram a ceder mais espaço aos temas ligados a literatura e a ciência.

Da mesma forma podemos dizer que o mercado editorial ganhou novo impulso. Em Sergipe passou haver diversos estabelecimentos voltados para a impressão de obras. Na capital sergipana foram criadas as Tipografias da Papelaria Comercial, a Tipografia da Papelaria Popular, a Tipografia da Livraria Brasileira, a Tipografia Xavier, a Tipografia Amaral de Antonio Amaral Canuto, a Tipografia comercial, a Tipografia Comercial de Elias do Rosário Montalvão, a Tipografia comercial de Nelson Vieira, a Tipografia Comercial de Vieira e Carvalho, a Imprensa Econômica, o Estabelecimento Gráfico F. Sampaio, o Editor Antonio Xavier de Assis e os Editores Guilherme & Filho & C. De acordo com Souza “essas casas tipográficas

provavelmente estavam mais bem preparadas para atender a clientela que as tipografias do século anterior”. Para reforçar essa sua afirmação a autora acrescenta que a produção local obteve um crescimento expressivo mesmo não superando a produção estrangeira.

Ainda de acordo com Souza, a expansão do mercado editorial deve-se a nova demanda do mercado de leitura provocado pelas novas técnicas que possibilitaram o aumento de tiragem e a introdução de novas fórmulas que atraiu um público novo. Somam-se a isto as novas transformações introduzidas pelo novo regime como o crescimento das camadas médias urbanas. (47)

De acordo Elissandra a livraria Regina tornou-se um dos lugares mais frequentados em Aracaju, “como um espaço cultura”, “um ponto de encontro obrigatório dos nossos intelectuais de então que a frequentaram por cerca de 30 anos”. Sua importância principal residiria no fato de ter sido a mesma a melhor Gráfica do Estado onde “contribuiu para o crescimento cultural de Aracaju” (SANTOS, 2004, p. 56-57).



Foto da Livraria Regina (cartão postal) (fonte: <http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com.br/2012/03/rua-joao-pessoa-livraria-regina.html>, cap. 10 de março de 2013.)

Assim, uma nova produção da historiografia sergipana surgia nessas primeiras décadas do século XX em diante. Os bacharéis de Direito, formados principalmente em Recife, tiveram um papel importante nessa nova fase.

### A HISTORIOGRAFIA SERGIPANA LIGADA AOS BACHARÉIS DA ESCOLA DO RECIFE.



Foto da faculdade de Direito em Recife. (fonte: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/images/stories/fac.direito%201.jpg> cap em 10 de março de 2013.

José Calasans cita os bacharéis em Direito da Escola de Recife como os continuadores da historiografia sergipana, iniciada por Felisbello Freire. Assinala que a vida intelectual sergipana, nas derradeiras décadas do século XIX, não foi mais a mesma com a contribuição desses bacharéis que depois de formados, exerceram atividades públicas na magistratura, no magistério, na política, na advocacia, no jornalismo. Todos eles, enfatiza JCBS, foram influenciados por Tobias Barreto, ou seja, “estavam jungidos pela marca tobiática”. Defenderam teses e sustentavam princípios e, sobretudo, no tocante a produção historiográfica, escreveram textos para “realçar a pátria pequenina, vendo, no estudo da terra e da gente, um modo eficaz de cumprir a missão.” (SILVA, p.15)

Reforçando a importância dessa geração tobiática, cita também outro sergipano, Sílvio Romero. José Calasans considera-o como uma das mais expressivas figuras da Escola que passou a morar na capital brasileira. Mesmo morando fora de Sergipe, escreveu a respeito de sujeitos, fatos, costumes da sociedade provinciana de sua terra. Somam-se outros sergipanos pertencentes a essa geração que estudou na Escola do Recife: Manuel dos Passos de Oliveira Teles, Joaquim do Prado Sampaio Leite, Francisco de Carneiro Nobre de Lacerda, entre outros.



Foto de Manuel dos Passos de Oliveira Teles (fonte: <http://www.educar-se.com/v3/images/manoel%20dos%20passos.jpg>, cap. em 10 de março de 2013



Teles é considerado o mais culto destes três bacharéis citados, segundo Silva. Trilhou vários caminhos da historiografia, reunindo não raro, o saber clássico ao episódio do saber local. O seu trabalho denominado “Sergipenses (escritos diversos)”, publicado em 1903, constitui-se, “sua maior contribuição a Historiografia de Sergipe Del Rey”. Ele estudou facetas inúmeras da formação sergipana e a história de municípios, estudos de folclore, biografias e ensaios relacionados de geografia. (SILVA, p. 15)

Prado Sampaio é outro sergipano que se destaca no final do século XIX e é influenciado por Sílvio Romero, no texto de Silva. Sampaio se debruçou no campo da literatura, nessa mesma sequência de destaque da geração de intelectuais bacharéis do Recife. A sua obra que mais contribui a história da literatura do seu Estado é denominada “Literatura Sergipana”, editada em 1908. Silvério Leite Fontes, citado por JCBS, considera-o como o “iniciador dos estudos da história literária sergipana, revelando mais aptidão crítica do que espírito de pesquisa”. Versou aspectos do nosso folclore, tentou um espaço antropogeográfico sergipano, estudou alguns nomes das letras no Estado.

Nobre de Lacerda e Gumercindo Bessa são outros exemplos de bacharéis de Direito que contribuíram com a Historiografia Sergipana, na sequência apontada por Silva. O primeiro colaborou com o texto “A Década Republicana em Sergipe”, publicado em 1906, e o segundo “Pela Imprensa e pelo Foro”, editado em 1916. Diz José Calasans que a produção do primeiro constituiu-se de um “interessante ensaio referente aos acontecimentos políticos ocorridos no Estado, decênio 1890 a 1900.” Sobre o texto de Bessa, afirma ser a mesma obra póstuma, versando sobre aspectos da vida sergipana e tendo a intenção de valorizar a Província através dos seus vultos e costumes. (SILVA, p.16)

Dentre todos eles, Carvalho Lima Júnior é o mais destacado por Silva. Este diz que esse bacharel foi, em sua época, o que mais “perlustrou os arquivos com maior sofreguidão e objetividade”. Reforçando o porquê dessa sua predileção por Lima Júnior, o autor de “IEHS” recorre a um trecho da biografia sobre o mesmo elaborado por Armindo Guaraná, no dicionário “bio-bibliográfico” (sic) dos considerados ilustres sergipanos. “Com maior pendor para os estudos que se relacionam com a nossa história, a eles se tem consagrado com raro esmero e neste particular muito lhe está a dever do Estado” (GUARANÁ, 1925, p. 91)

A predileção por Lima Júnior não foge a maneira como Silva enxerga um bom trabalho sobre o passado, em outras palavras, a forma como o pesquisador operacionaliza os seus estudos. Lima Júnior se enquadrava no modelo de pesquisador sério, que se dedicava a perscrutar incansavelmente documentos históricos, como fazia Felisbelo Freire, e o próprio Silva vai se destacar nos anos de 1940. Ele trazia para os domínios da História um dos caminhos do cientificismo de sua fase: a preocupação com os documentos.

Reforçando o entendimento dessa predileção por esse autor, José Calasans concede mais generosos elogios. Cita que ele deixa uma boa bibliografia, inúmeros artigos espalhados pelas colunas de jornais e foi

cuidadoso na apresentação de documentos, sabendo julgá-los com seriedade crítica. Não se contentando com essas descrições sobre Lima Junior, JCBS ainda acrescenta que esse autor “desbravou caminhos na perquirição do passado sergipano, sendo merecedores de referência particular o ensino sobre a Revolução de Santo Amaro, a documentação a respeito do poder legislativo de Sergipe no período da Província, a história dos municípios de Itabaiana e Simão Dias”. (SILVA, p 16)

### UM DOS TEMAS IMPORTANTES DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA: A QUESTÃO DE LIMITES

É um tema de destaque no texto sobre Historiografia Sergipana de José Calasans. Este diz que Freire foi o primeiro que desencadeou o debate histórico entre os limites de Sergipe com a Bahia e Sergipe com Alagoas. Esse assunto se tornou, enfatiza JCBS, “o problema mais discutido pelos historiadores sergipanos, ensejando uma série de pesquisas em Sergipe e na Bahia, que, se não conseguiram modificar a situação dos limites, tiveram o mérito de enriquecimento da Historiografia Sergipana”. O tema mobilizou intelectuais e governantes de ambos os estados em defesas dos respectivos interesses. Os historiadores do lado sergipano destacaram-se Felisbello Freire, Carvalho Lima Júnior, João Pereira Barreto, padre João de Matos, Manuel dos Passos de Oliveira Teles, Elias Montalvão, Rafael Montalvão, Gervásio Prata e, principalmente, Ivo do Prado. Este último se notabilizou pela obra denominada “Capitania de Sergipe e suas ouvidorias”. Também pelo lado da Bahia foram muitos os estudiosos que versaram sobre essa questão de limites. (SILVA, p. 16 e 17)

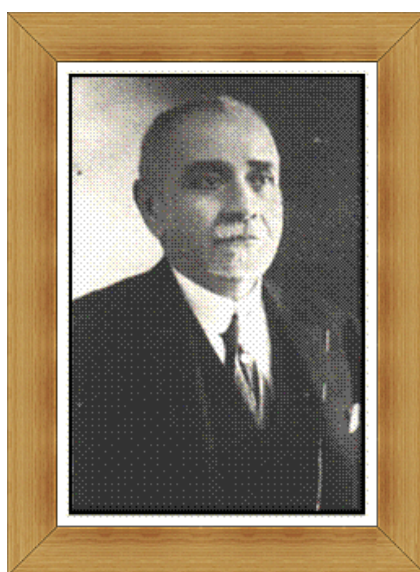


Foto de Ivo do Prado. (fonte: [http://3.bp.blogspot.com/\\_70pUxTu4jxM/TDI9m79T4UI/AAAAAAAAABBM/4cnkqs5ThkE/s1600/Imagem8.gif](http://3.bp.blogspot.com/_70pUxTu4jxM/TDI9m79T4UI/AAAAAAAAABBM/4cnkqs5ThkE/s1600/Imagem8.gif), cap em 10 de março de 2013).

Ressaltando o saldo positivo desses trabalhos para a Historiografia Sergipana, JCBS enfatiza que “foram vasculhados os arquivos brasileiros e portugueses, documentando-se fartamente”. No trabalho de Ivo do Prado, acrescenta esse autor, a utilização da cartografia histórica. Todos esses estudos têm subsídios de várias ordens esclarecedores do passado na fase colonial, prossegue José Calasans. Ainda, destacando a importância desses trabalhos, escreve: “não seria possível recompor a história política, religiosa, econômica, territorial, administrativa da Capitania de Sergipe, sem o conhecimento de tudo quanto se escreveu a respeito de um problema que apaixonou os sergipanos”. Dizendo isto, cita 18 trabalhos que comprova como esse tema muito marcou a Historiografia Sergipana (Confira esses trabalhos (procurando pelo sobrenome) na parte de referências desta lição. Amaral, 1916; Barreto, 1920; Campos, 1891; Lima Júnior, 1918; Mattos, 1905; Montalvão (1), 1913 e 1915; Montalvão (2), 1914; Prado, 1919 e 1932; Prata, 1933 e Teles, 1919).

### **A HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS É OURO TEMA DE DESTAQUE DA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA**

Monografias sobre os municípios recebem um espaço especial na análise da historiografia de JCBS. Diz o autor que é a história que mais vem sendo realizada com alguma regularidade na Historiografia Sergipana. Predominam publicações mais de feição geográfica. Mas há “contribuições para o conhecimento das cidades sergipanas, principalmente daquelas mais antigas”. (SILVA, p. 18)

Apresentando uma visão de conjunto dessa temática, diz que as principais cidades estão estudadas no “Quadro Corográfico de Sergipe” de Laudelino Freire, na “Corografia do Estado”, de Silva Lisboa, no “Álbum de Sergipe”, de Clodomir Silva e na Enciclopédia dos municípios de Sergipe.

Em seguida, afirma que a maior e a mais importante bibliografia diz respeito à cidade de Aracaju. A mudança da capital sergipana, em 1855, gerou sérias discussões na época, dando origem ao aparecimento de grupos adversos no julgamento do fato histórico. Formaram-se duas correntes: a de São Cristóvão e a de Aracaju. Partidários da transferência e adeptos da permanência. Esses posicionamentos também influenciaram nas posições dos futuros pesquisadores.

Felisbello Freire, em “História de Sergipe”, por exemplo, segundo Silva, pertencente a ala dos inimigos da transferência de São Cristóvão para Aracaju. “Admira-se realmente a coragem do Dr. Inácio Barbosa, que veio consignado para realizar esse atentado”. (FREIRE, op.cit, p. 318). Segundo Silva, Freire reconhece a data da transferência como marco da História Sergipana. Assume essa data como corte temporal final do seu livro História de Sergipe. Mas enxerga de forma negativa a transferência da

capital sergipana. Aponta que o Presidente da Província tomou a decisão da transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju de forma impensada em nome de interesses de particulares. Uso público em benefício do privado. Assim, o sujeito Presidente da Província agiu precipitadamente, influenciado pelos outros.

JCBS enxerga outro detalhe no entendimento de como Freire interpretou a transferência da capital. Diz que ele julgou a população de São Cristóvão como subserviente. Ela teve uma atitude passiva, característica da degeneração do caráter e da falta de patriotismo. Atente para essas críticas de José Calasans sobre Freire. Ele dialogou com esse autor no seu texto que publicou em 1942, denominado “Aracaju: Contribuição à História da capital sergipana”. Iremos retomar essa discussão no próximo texto.

A discussão sobre a transferência da capital sergipana reaparece cinquenta anos depois (do 17 de março de 1855) num texto de Manuel dos Passos de Oliveira Teles. Diz JCBS que Teles “numa linguagem bem expressiva de seu modo de sentir o problema escreveu que a mudança da capital sergipana em 1855 foi uma consequência do egoísmo e dos desvarios políticos, das ambições de muitos e, sobretudo, do capricho e do ressentimento de um só”. (SILVA, p. 19)

Teles enveredou numa perspectiva que enxerga a mudança como um ato contra os interesses de S. Cristóvão e de alguém “despeitado”. “A decisão da escolha de Aracaju fora consequências de uma terrível frustração do Presidente da Província, que, apontado como mulato, não se podia unir à família tradicional da vila de Laranjeiras”. Ofendido por não ser aceito por tal família tradicional, resolveu instalar a nova capital em Aracaju e não mais em Laranjeiras.

Ambos os autores (Freire e Teles) estão envolvidos nas paixões dos grupos políticos, conforme interpretou JCBS.

Reforcemos esse entendimento da posição tomada pelos autores. Depois da transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, no finalzinho da década de 1850 e na sequência de anos da de 1870, houve uma série de críticas a situação que se encontrava Aracaju, com tantas medidas a serem tomadas, enfrentamento de epidemias, etc. Não esqueçamos que o próprio Inácio morreu vítima das epidemias. É essa uma das situações que gera a versão oral (aquela que se contava no dia a dia dos grupos políticos) sobre o passado próximo (o ocorrido em 1855). Acredita JCBS que essas tradições orais contra a transferência da capital diminuíram o papel do sujeito, Presidente da Província, e não estabeleceu espaço de compreensão do tempo quando se pensou e efetivou a mudança.

Acompanhemos essa interpretação de Silva conforme o que ele chamou de “Introdução ao estudo da Historiografia Sergipana” e, sobretudo, o tema “História dos Municípios”.



Foto do Prédio do IHGSE (fonte: [http://3.bp.blogspot.com/\\_OH6oVMenCrw/SnUALag2ekI/AAAAAAAAAIs/w0ms3izAYG8/s320/DSC03396.JPG](http://3.bp.blogspot.com/_OH6oVMenCrw/SnUALag2ekI/AAAAAAAAAIs/w0ms3izAYG8/s320/DSC03396.JPG), cap em 10 de março de 2013).

Uma nova produção sobre a História de Aracaju se deu no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Compreendendo que a História é feita de grandes homens e fatos, uma corrente de intelectuais sergipanos passou a enaltecer a figura do Presidente da Província, Inácio Joaquim Barbosa. Enoque Santiago é um deles, segundo Silva. Em conferência de homenagem à “Memória augusta e venerada do benemérito fundador da cidade de Aracaju, o homem que deu até hoje o passo mais agigantado para o progresso da então Província de Sergipe”. Como parte do movimento de viva simpatia pela personalidade de Inácio, os membros fundadores do IHGSE produzem textos para os jornais de circulação em Aracaju e a Revista do IHGS (1915). Também, em dia 17 de março de 1917, ergue um monumento em sua homenagem.

Nesse movimento de homenagem à figura de Inácio, Silva novamente destaca o papel de Santiago. Clodomir Silva também aparece como pesquisador importante desse movimento. Este último será visto como inovador sobre o tema em questão. Diz que o mesmo abriu novas perspectivas buscando como documentos históricos: a Fala presidencial de Inácio Barbosa, o noticiário do Correio Sergipano e a tradição oral e quadras populares. Clodomir é citado várias vezes como aquele que destaca

a importância se rever a forma como Inácio Barbosa foi visto por muitos. Silva destaca o seguinte para compreendermos o posicionamento de Clodomir: “que a medida do previdente administrador, mal entendida no seu tempo, influiu consideravelmente no ânimo dos sergipanos como um acontecimento de maior vulto para a vida da Província” (SILVA (2), 1920, p. 124). Assim, vale ressaltar, a importância da obra “Álbum de Sergipe”, no que se refere a Aracaju, reside, segundo JCBS, na busca de desfazer a versão de que Inácio optou transferir a capital de São Cristóvão para por Aracaju no lugar de Laranjeiras mediante o enlace malogrado como afirmou Teles. José Calasans destaca o seguinte trecho de Clodomir “o conhecimento da vida política da Província e os atos anteriores da administração deixam ver bem claro o descaso desta erguida razão, que ao tempo foi dita como a única determinante do momentoso feito”. (SILVA (2), op. Cit, 124).



Foto de Clodomir Silva (fonte: <http://lionsuniversitario.zip.net/images/clodomir.jpg>, cap em 10 de março de 2013).

Ainda se referindo a Clodomir, diz que o texto dele “é vazado em informações orais, ajunta, com muita propriedade, documentos do tempo devidamente interpretados”. (SILVA, 19)

As abordagens de Santiago e Clodomir Silva foram influenciadas pelos grupos simpatizantes a transferência da capital? Silva não diz muito sobre os outros grupos políticos que torceram a favor e nem apontou como eles construíram essas ideias, versão oral, no cotidiano entre eles e nem tampouco menciona que as mesmas têm ligação com os pesquisadores Enoque e Silva.

A temática dos “limites entre Sergipe e Bahia”, conforme vimos, também recebeu importância no arrolamento da produção da história da História Sergipana. Mas, não se compara a forma como essa temática das Histórias dos municípios (notadamente da História de Aracaju) recebeu mais atenção por parte do mesmo. JCBS se posiciona com mais veemência

sobre a forma como a transferência da capital foi interpretada por Felisbelo Freire e as outras tendências iniciadas por Enoque Santiago e Clodomir Silva com a fundação do IHGSE.

TEXTO DE APOIO

## IHGSE, UM LUGAR IMPORTANTE DA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DE SERGIPE



Foto de Florentino Teles de Menezes (cap. [http://4.bp.blogspot.com/-gdeFahSX-O0/UTOgi0Un-7cI/AAAAAAAAAnzs/-5p-LDSfjHQ/s640/IHGSE-I-113+\(frente\).jpg](http://4.bp.blogspot.com/-gdeFahSX-O0/UTOgi0Un-7cI/AAAAAAAAAnzs/-5p-LDSfjHQ/s640/IHGSE-I-113+(frente).jpg), cap em 15 de abril de 2013.

Esta instituição foi criada em seis de agosto de 1912. Já havia doze outros institutos espalhados pelos Estados e pelo distrito Federal. Na década de 1910 apenas faltavam os estados do Maranhão, Piauí e Sergipe, no contexto do Nordeste, que ainda não tinha esse lugar institucional de produção e circulação do saber. Quem teve a ideia de criar essa instituição foi o sociólogo Florentino Teles de Menezes. Na sede do Tribunal das Relações, numa sala onde era a sede do Clube Esperanto, uma geração de intelectuais começou a dar o primeiro passo para funcionamento da mesma. Desejava-se fundar um “lugar” institucional onde se valorizasse os grandes homens de Sergipe. Os primeiros nomes a serem evocados foram: Tobias Barreto e Fausto Cardoso. (DANTAS, 2012, 23-41)

Estava patente na necessidade de Menezes a construção de uma história e geografia de Sergipe e a construção de uma identidade sergipana. Esse ideário iria se juntar aos ventos do cientificismo que predominava naquela geração. Os fundados e outros intelectuais acreditavam em conduzir o Estado nas trilhas do progresso e da civilização. (SOUZA, 2001, p. 100 e 101)

Os bacharéis tiveram papel importante na fundação desse “lugar”. A influência central foi a Escola do Recife. Quase todos eram “tobiáticos”. Esse termo, como já nos referimos, faz alusão a influência de Tobias Barreto. (DANTAS, 2012, p.42)

Os médicos também tiveram seu papel importante na fundação desse “lugar”. Com seu ideário cientificista se fez presente nas citações de vários autores europeus. O cientificismo dos membros do IHGSE não foi homogêneo. Alguns com mais vigor e outros de forma mais difusa. (SOUZA, p. 102-103)

Segundo Itamar Freitas, a “historiografia produzida pelo IHGSE está registrada no seu principal veículo de divulgação: a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe”. Essa revista existe desde 27/08/1912 “com a finalidade de publicar as atas, os nomes dos sócios, discursos e trabalhos literários da entidade”. É a mais antiga em “circulação (em atividade) da produção historiográfica local e, em certas décadas, o único”, acrescenta Freitas. (FREITAS, 2001).

## CONCLUSÃO

Uma nova geração de estudiosos fundou instituições do saber em Aracaju nas primeiras décadas do século XX. Essa mesma geração também inovou a Historiografia Sergipana. Um dos espaços importantes foi o IHGSE. Os temas “limites entre Sergipe e Bahia” e a história dos municípios tiveram destaque nas reuniões e publicações dessa nova juventude.



## RESUMO

Nesta terceira lição compreendemos aspectos da História de Sergipe das primeiras décadas do século XX, dando continuidade a discussão que iniciamos em Temas de História de Sergipe II. A intenção foi apresentar um painel mais geral das instituições de difusões da ciência a população. Em seguida apresentamos a continuidade de um painel sobre Historiografia Sergipana, iniciado nas lições 1 e 2. Tomamos como ponto de partida, novamente, o texto “Introdução ao Estudo da Historiografia Sergipana” de José Calasans Brandão da Silva.





## ATIVIDADES

Após ler o texto central desta lição, recomendamos escolher uma das tarefas abaixo como atividade complementar ao tema em discussão:

- Leia um dos textos dos bacharéis de Recife e em seguida busque identificação sobre qual a contribuição do mesmo para a Historiografia Sergipana conforme assinala Silva.
- Aprecie um dos trabalhos de Carvalho Lima Júnior identificando o seu valor para a história da História Sergipana.
- Leia e fiche um dos livros de Ivo do Prado e destaque qual a maior contribuição dele ao debate sobre a questão de limites entre Sergipe e a Bahia.
- Leia o livro de Ibarê Dantas sobre o IHGSE e em seguida faça uma resenha do mesmo.

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Não se esqueça de levantar a trajetória de vida intelectual do bacharel em Recife. Certamente ler sobre sua trajetória de vida ajudará a melhor compreender o texto que ele escreveu. Idem Carvalho Lima e Ivo Prado.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Braz do. Limites do Estado de Sergipe da Bahia (Bahia – Sergipe), Bahia, Impr. Oficial, 1916, v.1.
- BARBOSA, Naide. Em busca da Imagens Perdidas: centro histórico de Aracaju – 1900-1940. Aracaju: Fundação Cultural da Cidade de Aracaju, 1992.
- BARRETO, João Pereira. Limites de Sergipe e Bahia (síntese crítica da História destes limites). Aracaju, Impr. Oficial, 1920, 272p.
- BARRETO, Roseane Guimarães Santos. O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a ideia de Centro Cultural. Monografia de conclusão de curso de licenciatura em História, DIH, UFS, São Cristóvão, 1996.
- BESSA, Gumercindo. Pela imprensa e pelo foro. Aracaju: Imprensa popular, 1916, v. 1, 235p
- CAMPOS, José de Oliveira e VIANA, Francisco Vicente. Estudo sobre a origem histórica dos limites entre Sergipe e Bahia. Bahia: Diário da Bahia, 1891, 13p.

CHIZOLINI, Izabela Costa. Simplesmente um obscuro intelectual sergipano: Escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928). São Cristóvão, setembro de 2005, monografia de conclusão do curso de licenciatura em História, DHI-UFS.

DANTAS, Ibarê. História da Casa de Sergipe. 1912/2012. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: IHGSE, 2012, Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 15.

\_\_\_\_\_. História de Sergipe República. 1880-2000. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004..

Enciclopédia dos municípios brasileiros: Alagoas-Sergipe. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, V. XIX, p. 221-488.

FONTES, José Silvério Leite. O Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe. Aracaju. Cadernos da Universidade Federal de Sergipe, 1972, publ. 01.

FORTE, Bonifácio. Felisbello Freire. Separata na Revista da Faculdade de Direito e Sergipe, Aracaju, 5:40, 1958.

FREIRE, Felisbello. História de Sergipe (1575-1855). Rio de Janeiro. Tip. Perseverança, 1891. Foi reeditado pela segunda vez em 1977 pela editora “Vozes” com convênio com o Governo do Estado de Sergipe. Nas comemorações dos cem anos do IHGSE esse livro foi indicado para compor a lista de vários outros livros de História de Sergipe a serem reeditados.

\_\_\_\_\_. História territorial do Brasil. Rio de Janeiro, Tip. Jornal do Comércio, Rodrigues e Cia, 1906, v. 1, p.273-363.

FREIRE, Laudalino. Quadro corográfico de Sergipe. Rio de Janeiro: Gamer, 1896, 116p.

FREITAS, Itamar. A “Casa de Sergipe”: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913/1929). Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://itamarfo.blogspot.com/2010/10/casa-de-sergipe-historiografia-e.html>. Cap. 1º de abril de 2013.

FREITAS, Itamar. Historiografia sergipana. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

FREITAS, Itamar. O sergipanismo de Prado Sampaio. A Semana em Foco, Aracaju, p. 6B-6B, 05 out. 2003.

GERODETTI, João Emílio e CORNEJO, Carlos. Lembranças do Brasil. As capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2004

GUARANÁ, Armindo. Dicionário bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Ed. do Estado de Sergipe, 1925.

LIMA JUNIOR, Francisco de Carvalho. História dos Limites entre Sergipe e Bahia. Aracaju: Imprensa oficial, 1918, 681p.

LISBOA, J. C. SILVA. Corografia do Estado de Sergipe. Aracaju: Imprensa Oficial, 1987, 173p.

- LACERDA, Francisco Carneiro Nobre e. A década republicana em Sergipe. Aracaju: Ed. Antonio Xavier de Assis, 1906, 206p.
- \_\_\_\_\_. Evocação a propósito do centenário da emancipação administrativa de Sergipe, 1820-1920. Aracaju: F. Sampaio & Cia, 1920, 77p.
- MATTOS, João de. Sergipe-Bahia (Questões de Limites), 1905.
- MONTALVÃO (1), Elias. Limites de Sergipe. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 1:108-9, 1913.
- \_\_\_\_\_. Pelo direito e pela história de Sergipe. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 3:132-46, 1915
- MONTALVÃO (2), Rafael. Bahia-Sergipe. A questão de Limites. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, 2 (2): 115-27, 1914.
- NUNES, Maria Thétis. Introdução. In: SILVA, José Calazans Brandão da Aracaju e Temas Esparsos. Aracaju: Governo do Estado do Sergipe/FUNDESC, 1992, p. 05-06.
- \_\_\_\_\_. Carvalho Lima Junior. Jornal da Cidade. Aracaju, Se, quarta-feira, 27 de agosto de 2008, Opinião B\_6
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O espetáculo da Rua. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; Prefeitura Municipal, 1992.
- PRADO, Ivo do. A capitania de Sergipe e suas ouvidorias. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, 1919, 411p.
- \_\_\_\_\_. Limites de Sergipe – Discussão entre Louvados. Aracaju: Imprensa Oficial, 1932, 118p.
- PRATA, Gervásio. Limites de Serigpe. Memória sobre os limites do Estado de Sergipe como o da Bahia. Aracaju: Impr. Oficial, 1933, 64p.
- SANTOS, Antônio Carlos dos. Um olhar sobre a vida profana e maçônica de Clodomir de Souza e Silva. Aracaju: s/e, 2007
- SANTOS, José Wilson Moura. A historiografia de Francisco Antonio de Carvalho Lima Junior: Introdução e Antologia. São Cristóvão, Monografia de conclusão do curso de licenciatura em História, DHI, UFS, 2002.
- SAMPAIO, Prado. A literatura sergipana. Maruim. Impr. Econômica de Gouveia & Cia, 1908, 11p.
- SANTOS, Elissandra Silva. “LIVRARIA REGINA’: Notas sobre a Aventura do Livro em Aracaju (1918-1976). Monografia de conclusão do curso de licenciatura em História, São Cristóvão, UFS, 2004
- SILVA, Clodomir. Álbum de Sergipe. 1820-1920. São Paulo, 1920, 328p.
- SILVA, José Calazans Brandão da Introdução ao Estudo da Historiografia sergipana. In: Aracaju e Temas Esparsos. Aracaju: Governo do Estado do Sergipe/ FUNDESC, 1992.
- SOUSA, Antônio Lindvaldo. EM NOME DO PROGRESSO E DA LIBERDADE: “ordem” e “rebeldia” no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930). Monografia apresentada de conclusão do curso de especialização em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1993.

- \_\_\_\_\_. Temas de História de Sergipe II. São Cristóvão: Cesad/Se, 2010.
- SOUZA, Cristiane Vitória de. “A República das Letras” em Sergipe (1888-1930). Monografia de conclusão do curso de História, UFS, São Cristóvão, 2001.
- SOUZA, Marcos Antônio de. Memória sobre a Capitania de Sergipe, sua fundação, produtos e melhoramentos de que é capaz. Ano de 1808. Aracaju: s.c.e. 1877, 53p. Reeditada em 1943 na Revista do Aracaju (órgão de divulgação da Prefeitura de Aracaju) no. 01, p. 9-46. Foi publicada em separata, sob o patrocínio do Departamento Estadual de Estatística.
- TELES, Manoel dos Passos de Oliveira. Sergipenses (Escritos diversos). Aracaju: ed. Antonio Xavier de Assis, 1903, 240p.
- \_\_\_\_\_. Das origens de Sergipe à vitória de Belo Horizonte. Aracaju, Imp. Oficial, 1919, 33p.